

ANÁLIA FRANCO

Anália Emília Franco nasceu em Rezende (RJ), a 1º de fevereiro de 1856 e desencarnou, em São Paulo, em 20 de janeiro de 1919.

Mudou-se para São Paulo, com seus pais, Antônio Maria Franco e Teresa Franco, aos 5 anos de idade. Com 12 anos já auxiliava sua mãe no Magistério, com ela colaborando em diversos colégios nas cidades de Guaratinguetá e Jacareí e no arraial Minas (Município de Dois Córregos). Mais tarde ingressou na Escola Normal Secundária, de São Paulo, diplomando-se professora. Dedicou-se, desde então, de corpo e alma, ao magistério público, logo se destacando pelo seu tino pedagógico e pelo carinho para com os alunos. Fundou, em São Carlos, um colégio primário e secundário e se iniciou no jornalismo colaborando em diversos jornais do Rio de Janeiro. Em 17 de novembro de 1901, também fundou, em São Paulo, a “Associação Feminina Beneficente e Instrutiva do Estado de São Paulo”. Destinada, de início, a amparar, instruir e educar as crianças pobres e indigentes da capital paulista, sem qualquer distinção de crença ou raça, esta Associação Feminina teve em sua presidência, de 1901 a 1919, a grande benfeitora Anália Franco, que, reagindo contra o indiferentismo do meio, tomou a si a tarefa de erradicar o analfabetismo e combater a miséria e a ignorância que flagelam as ínfimas camadas sociais. Ao que tudo indica, a essa época já era espírita, mas extremamente liberal e tolerante, tanto é que à sua obra jamais imprimiu caráter nitidamente espírita, mesmo porque, conforme ela própria explicava, recebendo a Associação crianças de todas as crenças religiosas, bastava o ensino das verdades fundamentais das religiões em geral, como a existência de Deus, a imortalidade da alma, e o ensino da mais pura moral, para despertar no coração delas a atividade espiritual no sentido do amor a Deus e ao próximo.

Rodeada de um grupo de cooperadores e auxiliares que muito a ajudavam, Anália Franco deu início ao vasto programa que tinha em mente. Conforme ela mesma havia dito, “conceber o bem não basta; é necessário fazê-lo frutificar!” Seis anos depois de fundada, essa Instituição já mantinha e orientava 22 escolas maternas e 2 noturnas, só na capital paulista, enquanto cinco escolas maternas funcionavam no interior do estado. Todas ministravam a instrução e a educação a cerca de 2.000 crianças pobres. Afora isso, estava em pleno funcionamento um Liceu Feminino Noturno na cidade de São Paulo, com uma freqüência de mais de 100 alunos, e outro em Santos. As professoras de todas essas casas de ensino, geralmente eram normalistas e trabalhavam gratuitamente dirigidas por Anália Franco. Sempre teve o apoio justo e a defesa da imprensa, mas alguns jornais católicos, sabendo que Anália Franco era espírita, não poupavam ela e à sua obra críticas mordazes, dizendo que na Associação Feminina a caridade era um embuste e que os católicos não podiam concorrer para a fundação e manutenção das Escolas Maternas, “em extremo perigosas para os sentimentos religiosos das crianças”. Em diversas ocasiões conclamou as senhoras brasileiras a se unirem a este movimento de educação do povo na redenção da ignorância e da miséria tendo sido apoiada por muitas senhoras humanitárias de diversos estados brasileiros.

Paciente, carinhosa, humilde, dedicadíssima ao bem do próximo, assim era Anália Franco. Não teve filhos, mas foi uma grande mãe, pois as crianças asiladas assim a chamavam. Repetia sempre que os seus triunfos eram devidos à infinita misericórdia do Pai. Muito simples no trajar, sem nenhuma vaidade, declarou certa vez que o valor da mulher “não se afere pela beleza aparente e atrativos exteriores, mas, sim, pelos grandes ideais que lhe encham o cérebro e pelos nobre sentimentos que lhe impulsionam o coração”.

Anália Franco, além de emérita educadora, revelou-se também como jornalista, poetisa, romancista, musicista, teatróloga, contista e conferencista.